

EXPOSIÇÃO

# AFRO BRASILIDADE

Homenagem a dois Valentins  
e a um Emanuel

CURADORIA  
Paulo Herkenhoff  
João Victor Guimarães

10 de abril —  
21 de setembro de 2025

 FGV ARTE

Praia de Botafogo 190  
Rio de Janeiro – RJ

Abdias Nascimento  
Adir Sodré  
Adriana Varejão  
Adriano Machado  
Agnaldo Manoel dos Santos  
Alberto Pitta  
Aleijadinho  
Alexandre Ignácio Alves  
Aline Motta  
Almir Lemos  
Almir Mavignier  
Amador e Jr. Segurança Patrimonial  
Andrea Fiamenghi  
Andréa Hygino  
Andy Warhol  
Antonio Berni  
Antonio Ferrigno  
Antonio Maia  
Antônio Malta  
Antonio Obá  
Antônio Roiz Monteiro  
Arjan Martins  
Armando Sá  
Arnauld Julien Pallière  
Arno Malinowisk  
Arthur Timóteo da Costa  
Auguste Petit  
Ayrson Heráclito  
Bauer Sá  
Belmiro de Almeida  
Biarritz e João Victor Guimarães  
Brendon Reis  
Caetano Dias  
Carolina Maria de Jesus  
Carppio de Moraes  
Casa do Alaká  
Cesare Ripa  
Christian Cravo  
Cleonice Dias Rodrigues  
Cruz e Sousa  
Dalton Paula  
Daniel Jorge  
Daruê  
David Sol & Luan Gramacho  
Di Cavalcanti  
Diogum  
Domingos Caldas Barboza  
Douglas Ferreira  
Edival Ramosa  
Edu de Barros  
Eduard Hildebrandt  
Eduardo Malta  
Emanoel Araújo  
Emanoel Saravá  
Emmanuel Zamor  
Estêvão Silva  
Eustáquio Neves  
Felipe Rezende  
Felipe Sabino

Flávio Cerqueira  
Francisca Manoela Valadão  
Francisco Galeno  
Georges Valmier  
Gervane de Paula  
Gilberto Filho  
Giovanni Domenico Tiepolo  
Glenn Ligon  
Grupo Empreza  
Guilherme Almeida  
Guilhermina Augusti  
Gustavo Magalhães  
Gustavo Moreno  
Guy Veloso  
Heberth Sobral  
Heitor dos Prazeres  
Igor Rodrigues  
Jaime Lauriano  
Jayme Figura  
Jasi Pereira  
Jeff Alan  
Jeff Mendes  
Jefferson Medeiros  
João Timóteo da Costa  
Joelington Rios  
Jorge dos Anjos  
José Adário  
José Barbosa  
José Medeiros  
Jota  
Julio Alves  
Karámujinho  
Keila Sankofa  
Kika Carvalho  
Larissa de Souza  
Lasar Segall  
Leandro Machado  
Letícia França  
Lima Barreto  
Lucas Ururahy  
Lucia Laguna  
Luiz Pedra  
Lyz Parayzo  
Manoel Messias  
Manufatura de Sitzendorf  
Marc Ferrez  
Marcel Gautherot  
Marcelo Campos  
Marcelo Solá  
Marcio Mandariní  
Marcone Moreira  
Marcos Roberto  
Marepe  
Maria Bonomi  
Maria Lidia Magliani  
Maria Lira Borges  
Marilú Cerqueira  
Matheus Marques Abu  
Mauricio Hora

Mauricio Igor  
Maurino de Araújo  
Maxwell Alexandre  
Messias Neiva  
Mestre Athaide  
Mestre Didi  
Mestre Valentim  
Michel Onguer  
Milton Guran  
Milton Ribeiro  
Modesto Brocos  
Moisés Patrício  
Mulambö  
Nádia Taquary  
Negalê  
Nicolas Soares  
Nô Martins  
Olavo Santos  
Osvaldo Gaia  
Ottone Zorline  
Paiva Brasil  
Panmela Castro  
Paulo Nazareth  
Paulo Roberto Soares Santos  
Pedro Carneiro  
Pedro Paulo Leal  
Pedro Weingartner  
Pierre Verger  
PV Dias  
Quinca Moreira  
Rafa Bqueer  
Rafael Pinto Bandeira  
Roberto Okinaka  
Rodolfo Bernardelli  
Romulo Vieira Conceição  
Rosana Paulino  
Rose Afefé  
Rubem Valentim  
Sebastião Januário  
Sergio Adriano H  
Sergio Vidal da Rocha  
Shai Andrade  
Silvana Mendes  
Simplice Ajayi  
Sidnei Amaral  
Siron Franco  
Siwaju Silva  
Sonia Gomes  
Tadáskia  
Tarso Tabu  
Thiago Fonseca  
Thiago Martins de Melo  
Tiago Sant'ana  
Ugo Zacaçanni  
Vik Muniz  
Victor Meireles  
Walter Firmo  
Willian Zorach  
Yhuri Cruz  
Zéh Palito

# AFRO BRASILIDADE

Homenagem a dois Valentins  
e a um Emanoel

CURADORIA

**Paulo Herkenhoff**

**João Victor Guimarães**

O título desta exposição, *Afro-brasilidade, homenagem a dois Valentins e a um Emanoel*, aponta duas vezes para o Ser múltiplo que transformou o Brasil – o escultor Emanoel Araújo – e para sua mostra *De Valentim a Valentim*, que analisou dois séculos da escultura do Brasil entre o Mestre e o Rubem, ambos presentes nesta exposição. Emanoel Araújo foi o inventor do Museu Afro Brasil, que hoje leva seu nome, que o consagrou como curador da arte representativa da maioria do povo brasileiro. Essa instituição é singular no mundo pela abrangência de seu acervo em todos os quadrantes imagináveis da cultura visual produzida por escravizados e afrodescendentes nas Américas.

Esta exposição adiciona o “lugar de escuta” ao “lugar de fala”, que tem sido uma reivindicação de artistas e vozes afrodescendentes sobre seu direito de expressar as condições históricas, contemporâneas, sociais e pessoais do sujeito de origem africana. O lugar de escuta é o que se pode definir como a proposta de observar o que e como artistas não afrodescendentes representaram indivíduos e situações da gente preta e parda de modo único ou num período em que pincéis, tintas e escolas de arte não estavam à disposição dos negros artistas do Brasil. É o caso do *Retrato do maestro Henrique Alves de Mesquita* por Victor Meireles ou da *Cena de mercado* de Francisca Manoela Valadão no século XIX. Nesta exposição estão reunidos os três gigantes da arte colonial brasileira: Aleijadinho, Mestre Valentim e Mestre Athaide, três mineiros.

*Afro-brasilidade, homenagem a dois Valentins e a um Emanoel* inclui alguns artistas que nunca participaram de uma exposição ou mostra fora de seu Estado. São artistas de todas as regiões do país. Parte da especificidade desta exposição é apresentar “obras com história”, através de relatos sobre elas ou sobre sua autoria. O curador João Victor Guimarães trouxe artistas pouco expostos como Jasi Pereira, que viveu duas décadas pelo mundo, inclusive em Angola. Em 1997, escrevi o artigo Brasil/Brasis na revista *Lapiz*. O título inicial desta mostra seria *Brasil / Brasis, homenagem a dois Valentins e a um Emanoel* e foi trocado para o atual para sinalizar com mais clareza para o grande público a agenda desta mostra. Já está na hora, no entanto, de alterarmos a nomeação das mostras afro-brasileiras, porque, afinal, é lugar comum não se dizer “arte branca brasileira”.

**Paulo Herkenhoff**



JOSÉ ADÁRIO  
*Ferramenta de Exu*, 2024  
Ferro, solda e verniz  
Cortesia Galatea  
Foto Ding Musa

## SENTIR BRASILEIRO

No ano do meu nascimento, a Pinacoteca do Estado de São Paulo realizou, com a curadoria de Bené Fonteles, a exposição *Rubem Valentim – artista da luz*. No breve texto introdutório para o catálogo da exposição, Emanuel Araújo, artista e gestor santamarense homenageado pela *Afro-brasilidade*, cita Paulo Herkenhoff, que afirmou sobre Valentim: “uma arte que duplamente pensa na tradição ocidental e incorpora genuinamente as raízes africanas da cultura brasileira”; por ocasião da sua exposição *A pedra de raio de Rubem Valentim. Obá-pintor da Casa de Mãe Senhora* (Salas Especiais da 23ª Bienal Internacional de São Paulo).

No seu *Manifesto ainda que tardio*, Rubem Valentim afirmou-se defensor “de uma autêntica linguagem brasileira de arte. Linguagem plástico-sensorial: o sentir brasileiro.” O artista posiciona-se “contra o colonialismo cultural sistemático e o servilismo ou subserviência incondicional aos padrões ou moldes vindos de fora”. Na sequência, a afirmação seguinte, como uma flecha, nos corta: “a arte é um produto poético cuja existência desafia o tempo e, por isso, liberta o homem”. Mestre Valentim, nosso terceiro homenageado, por outro lado, integra o panteão de grandes artífices negros (no sentido de fazedores de/com arte, artistas e construtores) como Aleijadinho e Mestre Athaide (também presentes na exposição), que, nas igrejas construídas, pintadas e talhadas com poético labor, desprenderam resquícios das suas vidas e filosofias para a construção de espaços e monumentos que nem sempre adentramos (como talvez seja o caso de instituições como esta), mas que, em breve, eclodiremos, percorrendo o encantamento.

Junto a Rubem Valentim, Mestre Valentim e Emanuel Araújo, estão artistas, inclusive brancos, que se utilizaram das linguagens da arte ocidental para expressar/mencionar signos e manifestações das culturas afro-brasileiras, que, superando a lógica dicotômica e racionalista, despertam a ânima. “Produziram milagres de fé no extremo ocidente”, citando outro santamarense, Caetano Veloso. Apresentamos artistas que, a despeito do *status quo*, tiveram e têm a grande competência de imprimir a si, a sua inteligência e os nossos signos na cultura brasileira.

**PV DIAS**  
Da série *Rasurando Fidanza*, 2020  
Imagem digital



### MANUFATURA DE SITZENDORF

*Alegoria da África*, déc. 1900  
Porcelana, policromia, esmaltada, vitrificada e pintada a mão  
Coleção MAR – Museu de Arte do Rio / Secretaria Municipal de Cultura da Cidade do Rio de Janeiro Fundo Patrícia e Cícero Amaral



Esta exposição marca não apenas a importância de lançar um olhar aos artistas no presente, mas também atesta a qualidade e importância inequívocas dos artistas, artífices e artesãos negros e negras do Brasil, embora somente há pouco mais de uma década, em razão de diversos movimentos sociais, declínios políticos e econômicos, parte da população brasileira tenha sido direcionada a pensar na necessidade de afirmar um Brasil coerente consigo mesmo. Nesse contexto, a produção de artistas negros, nordestinos, LGBTQIAPN+ e mulheres ganhou relevância, seguida também de uma motivação mercadológica.

Contudo, somos perenes. A exposição marca, por meio e além do núcleo histórico homenageado, a presença, a importância e os impactos irrevogáveis das contribuições e formulações negras para as culturas afro-brasileiras, que não caminham de acordo com os desejos de um determinado tempo. Sim, forjam a si e aos seus mundos de forma autônoma, absoluta e magnífica.

**João Victor Guimarães**



**ALEIJADINHO (ANTONIO FRANCISCO LISBOA)** (1738-1814)  
*Nossa Senhora das Dores*, 1791  
Madeira policromada, 68 x 36 x 32 cm  
Acervo Itaú S.A.



**MESTRE VALENTIM** (1745-1813)  
*Talha em madeira da Igreja São Pedro dos Clérigos*, s.d.  
Madeira entalhada, policromada e dourada, 87 x 83 x 9 cm  
Coleção MAR – Museu de Arte do Rio / Secretaria Municipal de Cultura da Cidade do Rio de Janeiro / Fundo Z

## FERRIGNO E O REGISTRO DE UMA SENSIBILIDADE

Um par de pinturas a óleo do artista italiano Antonio Ferrigno (Salerno, 1863-1940) expõe com clareza alguns sintomas e contradições da sociedade escravocrata brasileira no final do século XIX. Talvez contemporaneamente à *Minha formação* (1895) de Joaquim Nabuco, o par foi pintado na década de 1890 quando Ferrigno decorou a capela da Fazenda Santa Gertrudes em Campinas. Arrematadas individualmente em dois leilões, essas obras foram doadas ao Museu Nacional de Belas Artes por um casal que preferiu se manter no anonimato. As duas pinturas são aqui, pela primeira vez, expostas juntas.

Antonio Ferrigno viveu em São Paulo de 1893 a 1905. Na capital do estado, o artista conviveu com os pintores Rosalbino Santoro, Pedro Alexandrino e José Ferraz de Almeida Junior. Parece plausível afirmar que a convivência entre Ferrigno e Almeida Junior tenha se constituído em forte dupla de pintores oficiais do estado de São Paulo e de sua aristocracia agrária, inclusive da nobreza do café. É importante notar que Almeida Junior, aclamado como o pintor do povo brasileiro (mas, na verdade, do universo rural caipira paulista) não tenha se manifestado em seus quadros sobre a escravidão no Brasil (como Modesto Brocos), com a qual conviveu, ou sobre a sangrenta guerra de Canudos surgida em 1896, posto que Angelo Agostini ilustrou imaginariamente o conflito na revista litografada *Dom Quixote* em 1897, enquanto o jornal *O Estado de S. Paulo* teve nada menos que Euclides da Cunha como seu correspondente de guerra, uma experiência que levou o escritor a escrever o antropológico *Os sertões* (1902).

Numa das pinturas, Ferrigno representa o ex-escravizado Thomé (embora os quadros não sejam titulados, os arquivos da fazenda Santa Gertrudes guardavam uma fotografia de Thomé com seu nome no verso, o que atesta a veracidade do modelo, de sobrenome desconhecido) no interior da capela da fazenda Santa Gertrudes, a tocar berimbau de costas para o confessionário e para o altar, em clara posição para renegar a conversão ao catolicismo, muitas vezes forçada pelo proselitismo cristão. Nessa alegoria, Thomé resiste ao apagamento de sua herança espiritual e de suas raízes culturais africanas. Na outra pintura, o preto velho ouve música europeia num aparelho de gramofone num salão da casa-grande. Memórias do corpo escravizado e prazer sensorial convivem dialeticamente entre

o violento atraso humanístico do Brasil (já que até seis anos antes, vigia a escravidão, oficialmente abolida em 1888) e a surgente arte na era da reprodução mecânica. Esses polos antitéticos da modernidade formam o eixo Joaquim Nabuco e Walter Benjamin, dois militantes políticos. O abolicionista Nabuco vaticina em *Minha formação* que “a escravidão permanecerá por muito tempo como a característica nacional do Brasil”, fato ainda hoje confirmado em instâncias da vida social brasileira pelo racismo estrutural. Em *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica* (1936), Walter Benjamin analisou seu impacto superestrutural em todas as áreas da cultura. A música gravada captura o ouvinte em novas situações. A percepção, o acesso e a duração física da música se alteram – o som já não surge da natureza. A magia da aura é esgarçada – o rito do berimbau dilui a mecânica industrial do gramofone. Agora, o valor de exposição da imagem supera o valor de culto, mas o ex-escravizado Thomé continua descalço, pois cumpre o vaticínio de Nabuco. Na parca retratação de pessoas pretas no século XIX, o mais expressivo conjunto foi feito por pintores imigrantes como Auguste Müller, Modesto Brocos e Antonio Ferrigno. (Paulo Herkenhoff)



**ANTONIO FERRIGNO** (1863-1940)  
*Vendedor de doces - Thomé, o africano, no interior da casa-grande da Fazenda Santa Gertrudes, s.d.*  
Óleo sobre tela

*Berimbau, s.d.*  
Óleo sobre tela  
Coleção Museu Nacional de Belas Artes

**MODESTO BROCOS** (1852-1936)  
*Engenho de mandioca, 1892*  
Óleo sobre tela, 59 × 75,5 cm  
Coleção Museu Nacional de Belas Artes





**BELMIRO DE ALMEIDA** (1858-1935)  
*Príncipe Obá*, 1880  
Óleo sobre madeira  
Coleção MAR – Museu de Arte do Rio /  
Secretaria Municipal de Cultura da Cidade do  
Rio de Janeiro Fundo Luciana e Luís Antônio de  
Almeida Braga

*Figura de jovem*, déc. 1880  
Óleo sobre tela  
Coleção MAR – Museu de Arte do Rio /  
Secretaria Municipal de Cultura da Cidade do  
Rio de Janeiro Fundo Z

Originário de Serro, Minas Gerais, **Belmiro de Almeida** (1858-1935) foi um pintor, desenhista, caricaturista e professor que se destacou na transição do século XIX para o XX pelo notável realismo de obras como *Arrufos* (1887). Formado pela Academia Imperial de Belas Artes, Belmiro buscou temas do cotidiano em suas obras, afastando-se das narrativas históricas tradicionais, mas também tensionando as convenções acadêmicas ao retratar pessoas negras em posições de protagonismo. Em 1880, ele pintou *Figura de jovem negra*, retratando uma personagem desconhecida com vestes elegantes e olhar altivo. Essa imagem contrasta com a visão comum que temos do lugar da mulher negra no Brasil imperial e sugere uma reflexão sobre a complexidade das relações raciais e de poder no fim do século XIX. Nesse sentido, no mesmo ano, Belmiro produziu *Príncipe Obá*, retratando Cândido da Fonseca Galvão (1845-1890), nascido no Brasil e conhecido como Dom Obá II d'África. "Obá", que significa rei em iorubá, indica a descendência real de Cândido, que era neto do obá Abiodun do Império de Oió, localizado hoje entre a Nigéria e o Benim. Serviu como alferes na Guerra do Paraguai e tornou-se figura popular entre os afro-brasileiros do Rio de Janeiro. Amigo pessoal do imperador Dom Pedro II, era reconhecido por sua defesa da igualdade racial, do abolicionismo, mas também da monarquia, dada a sua própria condição de realeza. (Reinan Ramos dos Santos)



**RAFA BQUEER**  
*Alice e o chá através do espelho*, 2014  
Fotografia  
Coleção da artista



**RAFAEL PINTO BANDEIRA** (1863-1896)  
*Travessura*, 1986  
Óleo sobre tela, 98 x 80,5 cm  
Coleção particular



**RAFAEL PINTO BANDEIRA** (1863-1896)  
*Efeito da ressaca*, 1892  
 Óleo sobre tela, 66 × 115 cm  
 Coleção particular



**EMMANUEL ZAMOR** (1840-1917)  
 Sem título, s.d.  
 Óleo sobre tela, 45,5 × 69 cm  
 Coleção Museu Nacional de Belas Artes  
 Doação Cícero Amaral



**Estêvão Silva** (1845-1891) foi um pintor carioca, pioneiro na longa série de “primeiras pessoas negras” a ocupar lugares de relevância nos altos espaços de saber da sociedade brasileira: foi o primeiro artista negro a se formar na Academia Imperial de Belas Artes e, certamente, o primeiro artista negro a receber e recusar, na presença de D. Pedro II, um prêmio secundário que a Academia lhe havia conferido. Esta instituição seguia à risca os cânones da arte europeia, especialmente francesa, que classificava a pintura em gêneros como a pintura histórica, o retrato, a paisagem etc. Entre os gêneros, Estêvão Silva optou pelo menos valorizado, a natureza-morta, e foi com ela que ficou conhecido na história da arte, não só pela extrema qualidade de sua técnica, mas também pelo seu nativismo, ao representar frutas brasileiras em suas composições, como na *Natureza-morta* de 1889. Se autodenominava um “pintor de frutas”, e, mesmo quando se aventurava no retrato, acabava por pintar narizes que pareciam cajus, como no caso de um comendador que se recusou a pagar pelo seu retrato, pois seu rosto não era um “tabuleiro”. A relação pictórica que Estêvão estabeleceu entre a carne de caju e a carne do nariz do comendador, entre o carnal e o vegetal, reaparece, invertida, na tela onde a vermelhidão da melancia é quase sanguínea, como uma ferida frescamente aberta. (Reinan Ramos dos Santos)

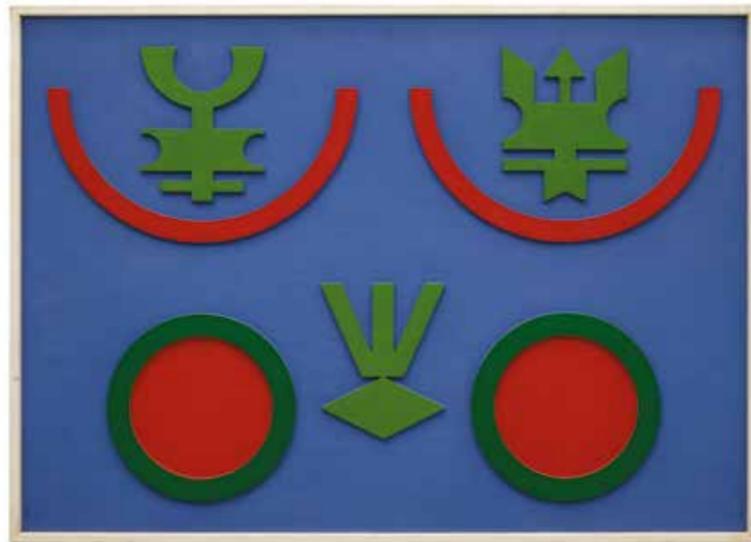
**ESTÊVÃO SILVA** (1845-1891)  
*Natureza-morta*, s.d.  
 Óleo sobre tela, 46 × 61 cm  
 Coleção particular

*Natureza-morta*, 1889  
 Óleo sobre tela, 46 × 54,5 cm  
 Coleção Museu Nacional de Belas Artes

**Silvana Mendes**, a partir do que intitula como *Afetocolagens*, desenvolve imagens e narrativas contra-hegemônicas que têm como objetivo instaurar a fabulação como mecanismo de construção e proposição de memórias relativas à população afro-brasileira. A artista irá se debruçar sobre fotografias do alemão Albert Frisch, que registrou pessoas negras e brancas no Brasil na segunda metade do século XIX, intitulando o trabalho de *Tipos sociais*, para analisar o impacto que elas têm na sua memória. Sua série e pesquisa *Afetocolagens* surge como reconhecimento do fato de que as imagens produzidas sobre as pessoas se desdobram em formas diferentes de leitura social dos grupos sociais aos quais pertencem. Junto a Mendes estão diversas intelectuais, como Lélia González que, no texto “Racismo e sexismo na cultura brasileira”, vai pensar justamente a produção de imaginário relativo a pessoas negras, neste caso, especialmente mulheres negras, e a forma como a sociedade expressa seus valores de aceitação ou recusa de tais pessoas em determinados momentos e situações. Oriunda de São Luís do Maranhão, mais especificamente da comunidade Cantinho do Céu, Silvana Mendes percebe na arte-educação e em práticas artísticas coletivas, como lambe-lambe, uma ferramenta de democratização do debate, ferramentas e alcance da arte para que, assim, mais pessoas possam construir imagens e narrativas coerentes e afirmativas sobre si, suas comunidades e histórias. (João Victor Guimarães)

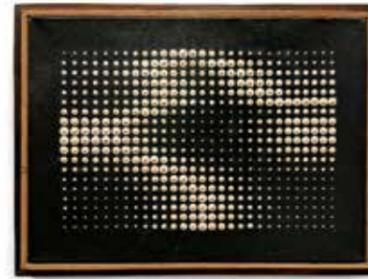


**SILVANA MENDES**  
*Afetocolagens – reconstruindo narrativas visuais de negros na fotografia colonial*, Série 2, 2021



**RUBEM VALENTIM** (1922-1991)  
*Relevo emblema*, 1979  
 Acrílica sobre madeira, 50 x 70 cm  
 Cortesia Galeria Berenice Arvani

**Rubem Valentim** (1922-1991), nascido em Salvador, foi um dos grandes nomes da arte brasileira do século XX. Sua obra traduz a espiritualidade afro-brasileira em uma gramática geométrica, aliando rigor construtivo à simbologia do candomblé e da umbanda. Pintor, escultor, professor e teórico, investigou a identidade nacional e a visibilidade afrodescendente, criando séries icônicas que exaltam os signos dos orixás. Na obra *Relevo emblema* (1979) a tridimensionalidade confere materialidade à sua poética, aproximando-a dos objetos litúrgicos. Valentim transcende o concretismo ao criar um sistema visual próprio, onde tradição e modernidade convergem, inscrevendo a herança afro-brasileira no panorama da arte contemporânea. (Reinan Ramos dos Santos)



**ALMIR MAVIGNIER** (1925-2018)  
 Sem título, s.d.  
 Pintura sobre tela, 25 x 32,5 cm  
 Coleção particular

**Almir Mavignier** (1925-2018) nasceu no Rio de Janeiro e foi uma figura central da primeira geração do concretismo brasileiro. Influenciado pela experiência no Hospital Psiquiátrico Pedro II, ao lado de Ivan Serpa e Abraham Palatnik, iniciou sua pesquisa sobre a sistematização da forma. Em 1949, conheceu Tomás Maldonado, do movimento Arte Concreto-Invención, ampliando seu repertório construtivo. Em 1953, mudou-se para a Alemanha, estudando na Hochschule für Gestaltung de Ulm sob a direção de Max Bill. Em 1954, criou os *Punktbilder*, aplicando tinta diretamente do tubo sobre a tela, sem pinceladas, conferindo extrema materialidade à superfície. A obra aqui exposta é um exemplo dessa técnica, onde cada ponto, unidade visual absoluta, gera vibração ótica e desafia a percepção. Participou da *Documenta* (1964, 1968) e *The Responsive Eye* (MoMA, 1965), consolidando-se internacionalmente. Sua obra aliou cálculo e repetição metódica, expandindo os limites da abstração concreta.

Nascido em Santo Amaro da Purificação, no Recôncavo Baiano, **Emanoel Araújo** (1940-2022) foi um dos principais promotores da arte afro-brasileira. Multiartista, suas obras se desdobram em esculturas, gravuras, desenhos e pinturas, aliando o rigor do construtivismo geométrico ao universo dos símbolos religiosos africanos e da cultura popular brasileira. Araújo também atuou à frente de importantes instituições culturais, tendo contribuído para a criação do Museu Afro Brasil, em São Paulo, que hoje leva seu nome. Integrando uma de suas últimas séries de esculturas chamada Orixás, *Onilê*, contração de *oni* (senhora) e *ilê* (terra, espaço), é a senhora da Terra, a orixá que garante o benefício da existência tanto no *ayê*, na terra, quanto no *orun*, no céu. Rege a dimensão terrena onde vivemos e morremos: ela é, portanto, princípio de vida e de morte, ao mesmo tempo começo e fim, seguindo uma dinâmica temporal não linear ou espiralar, evocada na forma circular de bronze entronizada no topo da escultura. (Reinan Ramos dos Santos)

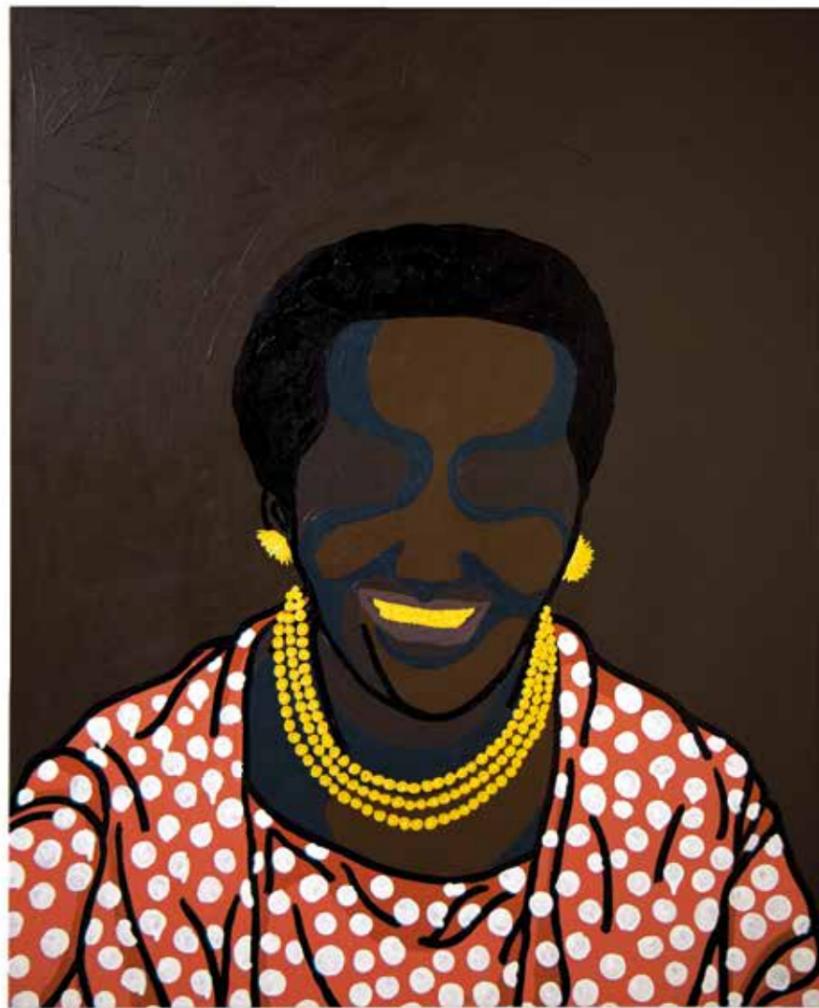


**EMANOEL ARAÚJO** (1940-2022)  
*Onilê*, 2021  
 Madeira, tinta automotiva,  
 bronze e globo de vidro, 225 x 70 x 26 cm  
 Cortesia Galeria Simões Assis

A importância histórico-cultural de **Abdias Nascimento** (1914-2011), nascido em Franca, São Paulo, tem a mesma medida da multiplicidade de sua atuação como ator, poeta, escritor, dramaturgo, artista plástico, professor universitário, político e ativista dos direitos civis e humanos das populações afro-brasileiras. Fundador do Teatro Experimental do Negro, que alterou a face das artes dramáticas no Brasil, seu legado é preservado pelo Instituto de Pesquisa e Estudos Afro-Brasileiros (Ipeafro), criado pelo artista em 1981. Exilado nos EUA durante o regime militar de 1964, passou a explorar as artes visuais em obras que expressam suas diversas preocupações: políticas, estéticas, religiosas e sociais. Neste *Estandarte* de 1988, diferente da célebre bandeira *Okê Oxossi* (1970), Abdias economiza nas cores e formas, em um geometrismo que aparenta ser a mera reunião de semicírculos e de um triângulo. No entanto, observando por mais tempo a imagem, o fundo amarelo acaba por revelar uma forma que pode ser lida como o machado de Xangô, onipresente em seus trabalhos, ou como uma figura divina. (Reinan Ramos dos Santos)



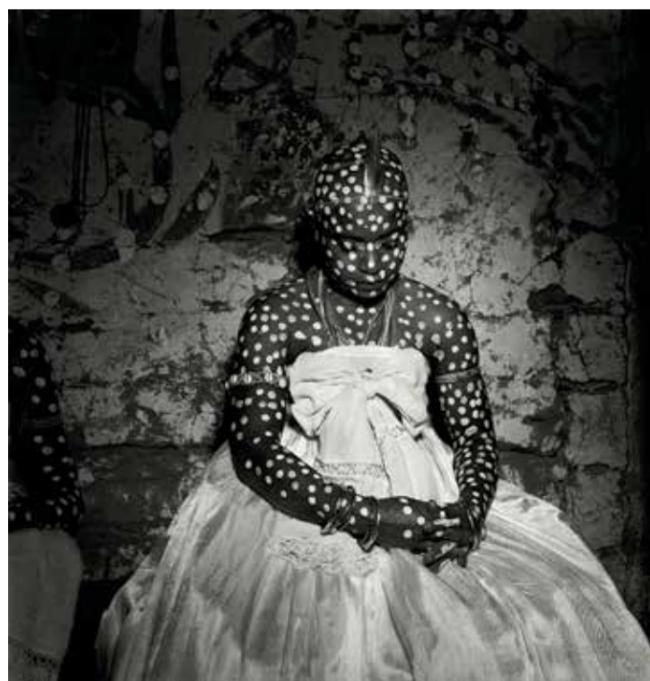
**ABDIAS NASCIMENTO** (1914-2011)  
*Estandarte*, 1988  
 Acrílica sobre tela  
 Coleção Marcia e Luiz Chrysostomo



**GUILHERME ALMEIDA**  
*Carolina Maria de Jesus*, 2021  
 Acrílica sobre tela  
 Coleção MAR – Museu de Arte do Rio / Secretaria Municipal de Cultura da Cidade do Rio de Janeiro  
 Doação Daniel Maranhão

**Carolina: Clarice, como você escreve elegante!**

**JOSÉ MEDEIROS** (1921-1990)  
*Ritual de candomblé de iniciação das filhas de santo*, Bahia, 1951  
 Fotografia  
 Acervo Instituto Moreira Salles



**Laços de olhares: Carolina e Clarice**

O ponto de partida para a discussão desse encontro surgiu do retrato de Carolina Maria de Jesus sem rosto e com o vestido estampado, pintado por Guilherme Almeida, com manchas circulares brancas, que lembram penas das galinhas-d’angola, a Etù ou Konkém no candomblé. O ponto seguinte para o olhar é outro retrato, *Carolina sobre chapisco*, pintado por Jeff Mendes, agora com as feições de vida sofrida.

O artista nipo-brasileiro Masao Okinaka viajou a Salvador para registrar os encantos da cidade em desenho e trouxe o livro *Candomblé* (1957), do fotógrafo José Medeiros Assombrado, sobre a cerimônia da Saída de Iaô (em que as jovens se iniciam no santo e são apresentadas à comunidade). Roberto Okinaka, filho de Masao e braço direito de Emanuel Araújo na gestão do Museu Afro Brasil de 2004 a 2022, passou a usar penas de Etù em seus objetos como *Lariyê Exu*. O objeto *Galinha d’Angola* (porcelana Zaccagnini) demonstra o belo porte dessa ave. Segundo Moisés Patrício, a Konkém é “ligada à iniciação e à individualidade de cada um. É usada em rituais como sacralização dos objetos sagrados, o Bori e o Axexê, sempre como um elo entre o mundo visível e o espiritual.



**JEFF MENDES**  
*Carolina sobre chapisco*, 2023  
 Óleo, acrílica e pasta acrílica sobre tela, 60 x 60 cm  
 Coleção Museu Nacional de Belas Artes  
 Doação do artista e da Cana Galeria

**Clarice: E como você escreve verdadeiro, Carolina!**

As penas brancas e pretas representam esse equilíbrio das forças, esse trânsito entre mundos”. O título do objeto de Okinaka – *Laroiê Exu* – é a saudação a Exu, pois, sem Èṣú, nada caminha.

Um conjunto de fatos e coincidências ensejaram entrelaces entre as duas estrelas que subiam à celebridade literária. São os laços que unem Clarice e Carolina – os vazios e as subjetividades de *Laços de família* e *Quarto de despejo*, segundo Marise Hansen em elucidativo texto publicado na revista *Quatro Cinco Um* (n. 36, 2020, disponível online). Essa historiadora da literatura observou que “Lispector lançava *Laços de família* em 19 de agosto, e [no mesmo dia] Carolina Maria de Jesus autografava *Quarto de despejo*, diário escrito de 1955 a 1959, morando na favela do Canindé, em São Paulo. *Quarto de despejo* chegou a ser apreendido durante a ditadura por ser considerado subversivo. No mesmo ano, 1977, vieram a falecer.” (Paulo Herkenhoff)



**UGO ZACCAGNINI** (1868-1937)  
*Galinha d’angola art déco*, déc. 1930  
 Porcelana, 37x28x16 cm  
 Coleção MAR – Museu de Arte do Rio / Secretaria Municipal de Cultura da Cidade do Rio de Janeiro  
 Fundo Patrícia e Cícero Amaral



**FELIPPE SABINO**

Sem título, 2023  
Óleo sobre tela  
Cortesia Galeria Inox

**Dalton Paula** vive e trabalha em Goiânia (GO), em seu ateliê Sertão Negro, onde, segundo ele, que é iniciado no candomblé, até as plantas nos canteiros têm uma intenção: formam um “corredor de limpeza” que trabalha as energias dos visitantes. Bacharel em Artes Visuais e ex-bombeiro, sua obra discute o corpo silenciado no meio urbano. Participou da 32ª Bienal de São Paulo (2016), da Trienal do New Museum (2018) e da exposição *Enciclopédia Negra* na Pinacoteca de São Paulo (2021), entre muitas outras mostras relevantes. O artista iniciou a série *Retratos silenciados* em 2014 e, desde então, passou a dar imagem a protagonistas da história brasileira pouco ou nunca representados: pessoas negras invisibilizadas por narrativas marcadamente coloniais e europeias. Em 2017, Dalton criou a imagem de Lima Barreto para a capa da biografia escrita por Lília Schwarcz. Até então, só haviam retratos do escritor que o embranqueciam. Entre fevereiro e maio de 2020, Dalton esteve em Nova York, onde deu continuidade à série de retratos de figuras históricas, inclusive Luiza Mahin que, segundo o artista, traz a ideia de incompletude da imagem, já que, por mais que se queira, a memória não alcança tudo. Segundo ele, em entrevista à revista *Piauí*: “É muito difícil repetir no trabalho o mesmo gesto de antes da pandemia. Precisei me recolher em Nova York por um tempo. Sinto que a minha pintura ficou muito mais leve”. (Maria Fernanda Baigur e Elisabeth Lissovsky)



**DALTON PAULA**

*Luiza Mahin*, 2024  
Aquarela sobre papel, 36,5 x 19,2 cm

*Ventura Mina*, 2024  
Aquarela e grafite sobre papel, 33 x 29 cm

Coleção Cerrado Galeria



**JOTA**

*Família sagrada*, 2024  
Acrílica sobre madeira, 82 x 40 cm  
Cortesia MT Projetos de Arte

**ANDRÉA HYGINO**

Série *Tipos de comer II – sal e fubá*, 2023  
Pratos de porcelana com  
impressão fotográfica, 26 x 26 cm  
Coleção da artista



**SERGIO ADRIANO H**

*O presidente da República Zumbi dos Palmares I*, 2023  
Pintura com tinta branca, foto recortada de Deodoro da Fonseca, terra do Quilombo dos Palmares colada sobre tela, 60 x 50 cm  
Coleção do artista





**HERBERTH SOBRAL**  
Sem título, 2024  
Azulejos  
Coleção do artista



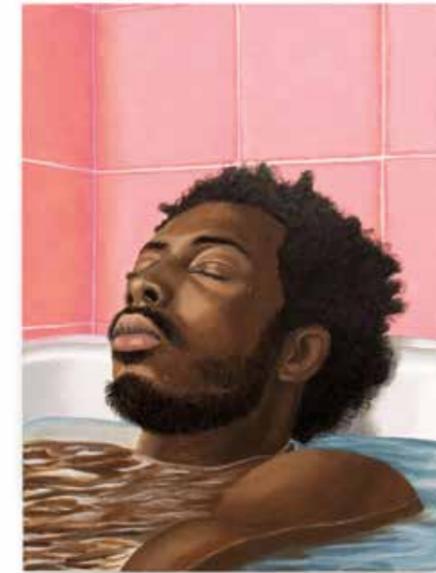
**MATHEUS MARQUES ABU**  
*Salto em transatlanticidade moderna, 2024*  
Acrílico sobre tela, 80 x 60 cm  
Coleção particular



**AUTORIA DESCONHECIDA**  
*Bastões de congada, séc. XX*  
Madeira  
Coleção MAR – Museu de Arte do Rio / Secretaria  
Municipal de Cultura da Cidade do Rio de Janeiro / Fundo Z



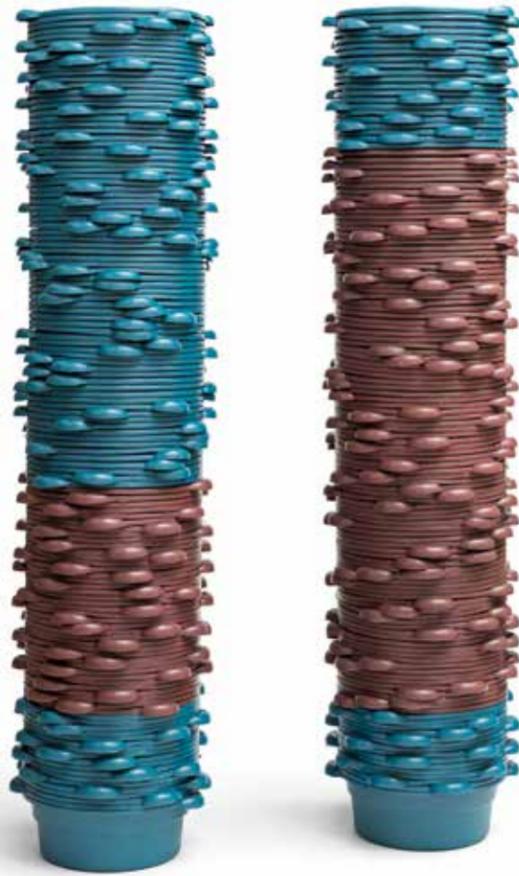
**DOUGLAS FERREIRO**  
*Bendito fruto entre as mulheres, 2021*  
Óleo e acrílica sobre tela, 50 x 67 cm (díptico)  
Coleção particular



**TIAGO SANT'ANA**  
*Banhista no Hotel Pink Flamingos, 2024*  
Acrílico sobre tela, 40 x 30 cm  
Coleção do artista  
Cortesia Galeria Leme



**ANTONIO OBÁ**  
*Tocaia, 2019*  
Óleo sobre tela, 60 x 60 cm  
Coleção particular



**MAREPE**  
*Pé de jabuticaba,*  
 série *O petróleo é nosso*, 2013  
 Plástico, 170 x 42 x 42cm  
 Cortesia Galeria Luisa Strina



**FLÁVIO CERQUEIRA**  
*Não estou no meu passado*, 2024  
 Bronze patinado  
 Cortesia Simões de Assis Galeria



< **ROSE AFEFÉ**  
 Sem título, 2025  
 Solo, cimento, cal, ferro,  
 terra e areia  
 Cortesia da artista e da Gentil Carioca

> **NADIA TAQUARY**  
*Areygbó (Menina pássaro)*, 2023  
 Escultura em bronze 90  
 Cortesia Galeria Portas Vilaseca





Sou Bábálorixá, consagrado no Candomblé de nação Ketu, segmento da religião de matriz africana assentado no culto aos Orixás, onde o corpo, a memória, o ritmo e a natureza se interligam como tecnologias ancestrais de cuidado e permanência. Sou dirigente espiritual do Ilé Àṣẹ̀ Èṣù Onà, casa de Candomblé localizada em São Paulo. Nosso terreiro é ao mesmo tempo espaço de culto, escola comunitária e centro de articulação cultural, onde se cultivam práticas de cuidado, transmissão oral e criação coletiva. Fundado a partir de um chamado espiritual e político, o Ilé se organiza segundo os fundamentos de Èṣù, orixá da comunicação, da encruzilhada e da inteligência ancestral que rege o movimento.

Minha trajetória religiosa é marcada por uma consagração gradual, profunda e

contínua, vivida com responsabilidade e humildade. Como Bábálorixá, sou responsável pela condução dos ritos, pela escuta dos búzios, pela iniciação de filhos e filhas espirituais e pela transmissão oral dos fundamentos da tradição. Assumo a missão de formar, orientar e cuidar de uma comunidade diversa, que inclui crianças, adultos e anciãos, em sua maioria descendentes da diáspora africana.

Na minha trajetória, arte e vida se entrelaçam de modo inseparável. Minha produção artística parte do corpo e retorna a ele como campo simbólico de memória, denúncia e afeto. A linguagem visual que desenvolvo – seja através da fotografia, da pintura, da performance ou da instalação – é profundamente informada por minha vivência no terreiro, pelas liturgias do

Candomblé, e pelas experiências cotidianas de escuta e resistência. Como artista e Bábálorixá, me vejo comprometido com a construção de uma estética da encruzilhada, onde as fronteiras entre espiritualidade, política e poética se dissolvem para dar lugar à presença. Minha vida particular está organizada em função do compromisso com o axé. Nesse sentido, crio a partir do rito e vivo a partir da imagem. (Moisés Patrício)

#### MOISÉS PATRÍCIO

*lansã e seus nove filhos*, 2018  
Acrilica e óleo sobre tela, 210 x 188 cm  
Coleção Karla Osorio e Guilherme Magaldi Netto

#### Daniel Jorge

Em *Quadro negro identitário*, narrativa, corpo, geografia, memória e linguagem se entrelaçam em algo que cunhei como “membrana conectiva”.

Para mim, a correlação entre as formas de origem africana e a filosofia europeia contemporânea reside no fato de que a filosofia africana que me atravessa se origina de uma ontologia relacional e espiritual – que entende o mundo como tecido por forças invisíveis e interdependentes – e entra em fricção com os conceitos da filosofia europeia contemporânea. Penso, por exemplo, no rizoma de Deleuze e Guattari, na identidade relacional rizomática de Édouard Glissant, ou no léxico do subsolo proposto por Fred Moten e Stefano Harney em *The Undercommons*. Não se trata de uma aproximação teórica por mera afinidade, e sim de um choque – uma colisão.

Nesse sentido, as formas de origem africana carregam cosmovisões que dispensam a centralidade do sujeito cartesiano, articulando-se em redes de significação circulares, gestuais e espirituais. Por outro lado, o pensamento europeu contemporâneo, em grande medida, operou pela fragmentação e racionalização da forma. No encontro desses campos, penso que pode surgir uma terceira via de linguagem: nem mimética, nem puramente racional; mas viva, tensionada e irresoluta. Uma via de deslocamento radical da forma e do discurso, em que a matéria (física e etérea), o corpo dissidente e a memória coletiva formam uma topografia que inscreve e tensiona o tempo.

Por isso, debruço-me menos sobre representar uma ideia e mais sobre sustentar um campo de força no qual filosofia, matéria e subjetividade são inseparáveis. Trata-se de fazer ver e, ao mesmo tempo, fazer escutar aquilo que foi calado, o que foi enterrado, o que ainda pulsa. Vou escavando, tal qual um arqueólogo, para entender o meu entorno, mas não abrindo mão das culturas que me atravessam. (Daniel Jorge)



#### DANIEL JORGE

*Quadro negro identitário*  
Cedro de réusio dividido em  
18 peças esculpidas à mão em alto relevo  
Coleção do artista



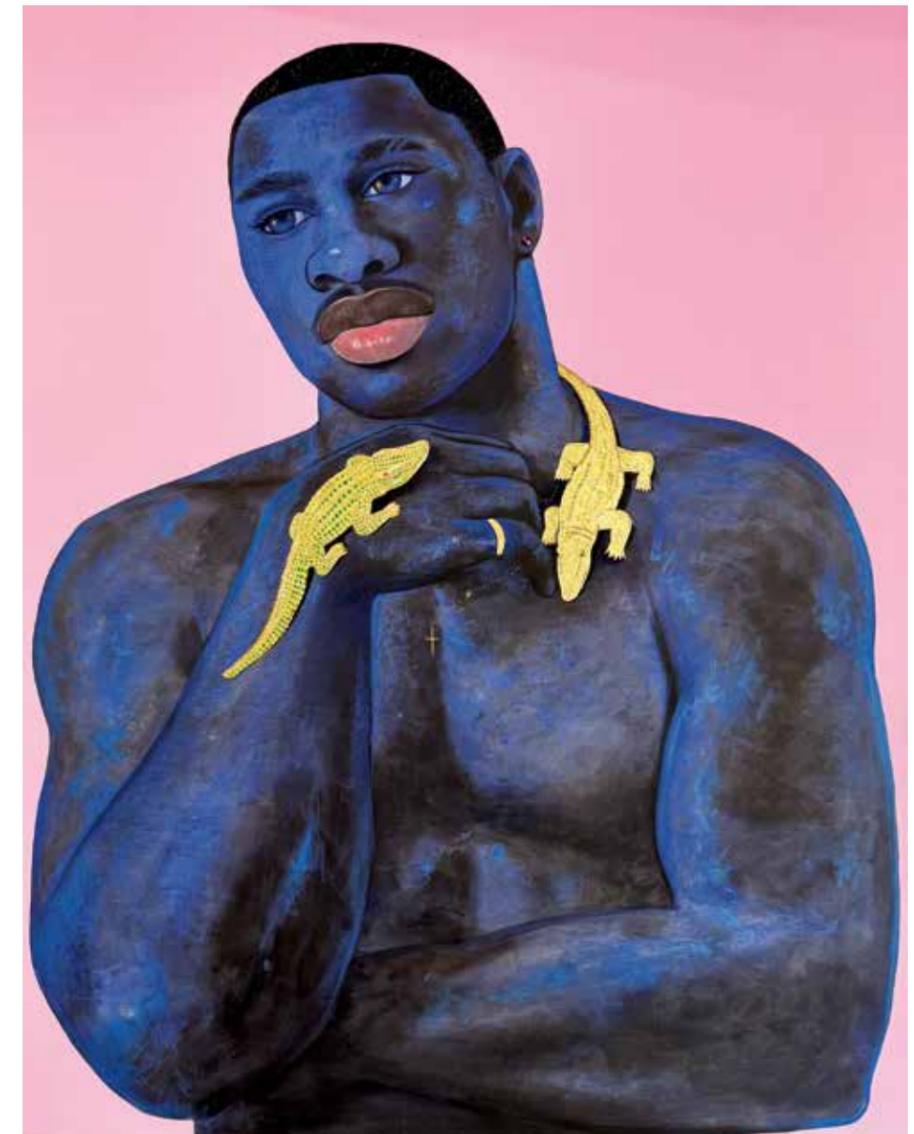
**SERGIO VIDAL**  
*Niver no bus*, 2020  
 Acrílico sobre tela, 80 x 100 cm  
 Coleção do artista



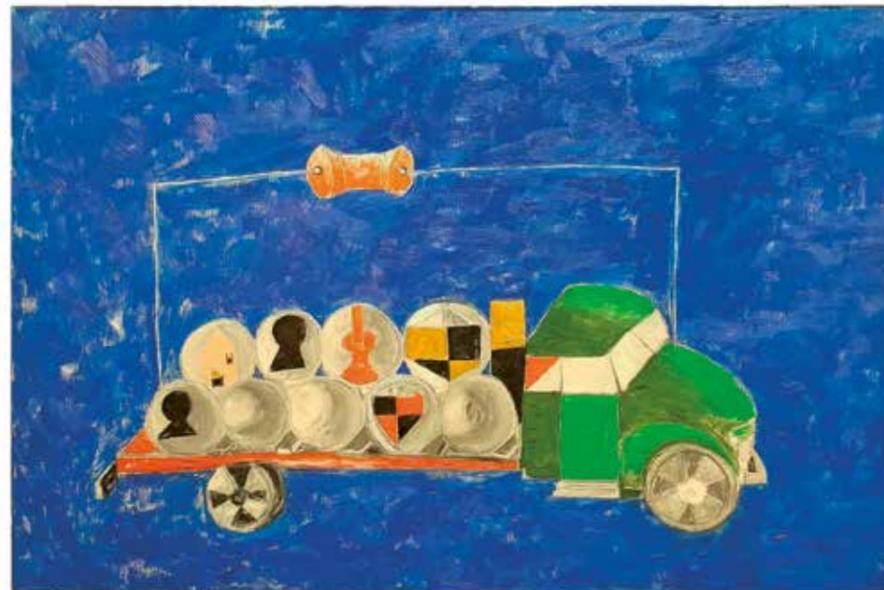
**LUCIA LAGUNA**  
*Pequenos formatos*, 2014  
 Acrílico e óleo sobre tela  
 Coleção da artista



Baiano de Cajazeiras, **Brendon Reis** foi ainda criança para São Paulo, com a família. Em Aricanduva, Zona Leste da capital, frequentou oficinas de artesanato numa ONG de assistência social para Crianças e Adolescentes. Ali nasceu o artista. Atento à percepção e ao imaginário, valorizando tanto o espetacular quanto o ordinário, Brendon Reis dá lugar ao poder do corpo no espaço, em contraste com o design e a indumentária, em pinturas, desenhos e esculturas. Suas obras amplificam a intimidade e a identidade, ao trazerem, como temas recorrentes, sexualidade e melancolia, sempre ressaltando a negritude com a cor azul, por vezes vívida, por vezes fria. A distorção corporal produzida pelos tons e cores utilizados nas camadas da pele faz a representação e a observação transitarem entre o surreal e o real. Pode-se situar o trabalho de Brendon Reis entre o abstracionismo e o figurativismo, com alusões ao simbolismo. Muitas referências formais reconhecíveis em um artista autodidata. Os símbolos geométricos surgem sobre indumentária imponente marcada pelo dourado vivo, chamativo. Sua arte, nesse sentido, se aproxima de Gustav Klimt, artista austríaco, um dos precursores da *art nouveau* e do grupo Secessão de Viena. Com figuras em trajes ornamentados, representando sentimentos por símbolos e alegorias, Klimt ajudou a romper com a arte acadêmica europeia, ficando conhecido, especialmente, pela fase dourada em que usava folhas de ouro em suas pinturas. Brendon Reis exibe suas raízes nas expressões baianas de comunicação e cultura e traz cores fortes e símbolos ao representar os corpos, subvertendo a concepção marginalizada das mulheres, da negritude e do corpo trans pelo progressismo humanitário, encoberto com o dourado imponente e simbólico. (Blanche Marie Evin da Costa)



**BRENDON REIS**  
 Sem título, 2025  
 Tinta acrílica, giz pastel permanente, pasta metálica, folha de ouro imitação e cristal Swarovski sobre tela, 180 x 140 cm  
 Coleção particular



como pipas, casinhas, piões, remetendo ao gosto humano pelo lúdico. O conjunto parece pairar estático sobre o fundo de um azul-celeste, como que envolto em uma dimensão temporal distinta daquela do dia a dia infantil, produzindo um ar de eternidade. (Paulo Herkenhoff e Reinan Ramos dos Santos)

**FRANCISCO GALENO** (1957-2025)  
 Sem título, s.d.  
 Coleção do artista  
 Cortesia Galeria Referência

**Francisco Galeno** (1957-2025), nascido em Parnaíba, Piauí, e radicado em Brazlândia, reinterpreta a tradição construtiva de Alfredo Volpi, Rubem Valentim e Athos Bulcão com sua arte camaleônica. “Eu frequentei um mundo sem resquícios. No Delta [do Parnaíba], saí de uma série e fui para outra série... só que o professor da outra série no ano seguinte olhou para mim e disse: ‘você vai voltar pra lá, de onde você veio...’ Só que eu vim para Brasília” – eis as revelações inaugurais de Francisco Galeno da mudança para a nova capital federal do Brasil. Sua prática equilibrada e ao mesmo tempo vivaz mescla os elementos cotidianos que povoaram sua infância – carretéis, anzóis, pipas e latas de sardinha – à memória do Delta do Parnaíba e à estética modernista de Brasília. Cada obra é um jogo vibrante de cores e formas que celebra a alegria popular e a brasilidade, como nesta, sem título, que reúne no caminhão de brinquedo uma variedade de objetos



**Diogum** (Diogo José de Oliveira) cresceu entre o ferro e o fogo. Filho de um exímio serralheiro do bairro de São José, uma das três ilhas centrais do Recife, teve na idade adulta a percepção da ancestralidade e do poder libertador, concreta e simbolicamente, dos elementos com os quais a família tinha forjado a vida. Grades que guardam, adornam, encerram, interditam. Abrem, convidam, integram.

(...)

Não por acidente poético, Diogum apreende a tradição das joias de crioula

no encontro dos séculos XIX e XX. Interditadas no uso da joalheria branca, pretas livres constituíam novas e polimorfos camadas médias da sociedade. Passaporte para as ruas, o ofício de quituteira guarnecia essas damas de tabuleiros com um novo tipo de existência social.

Dos balangandãs confeccionados por ourives negros em símbolos mundanos ou terrenos surgem, agora, das mãos do artista, colares enormes para a carnalidade em ferro das intenções

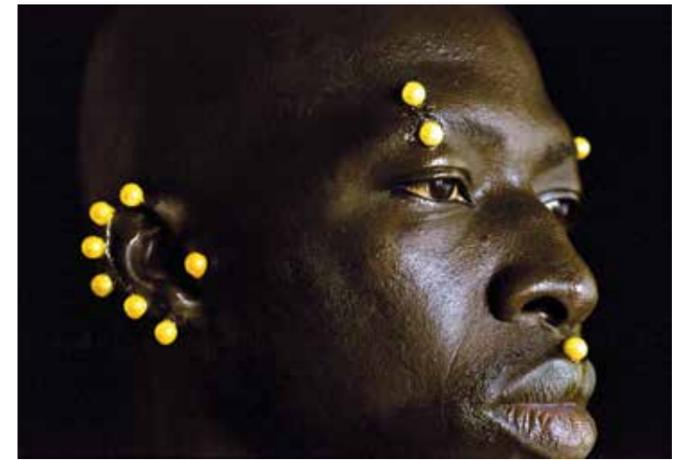
e arquétipos de orixás, entidades a eletrificar ligações com o orun e a arar caminhos em terra.

Ao incorporar o nome de seu orixá à própria identidade, Diogum não apenas amplia com perícia pouco comum a grande tradição ferreira dos povos de origem em África no Brasil. Atualiza temas da diáspora em objetos-metáfora que libertam e conduzem, retêm ou aprisionam. Ferro e fogo. Alusão dialética ao oceano histórico de ir e vir de um Atlântico Negro. (Bruno Albertim)



**AYRSON HERÁCLITO**

*Piercing pérola I e II, 2005*  
Fotografia  
Cortesia Portas Vilaseca Galeria



< **DIOGUM**

*Babá Irin – o pai do ferro, 2025*  
Ferro em técnicas de serralheria  
Acervo do artista

**JOSÉ ADÁRIO**

*Ferramenta de Exu, 2024*  
Ferro, solda e verniz  
Cortesia Galatea



**José Adário dos Santos**, também conhecido como Zé Diabo, é um ferreiro de santo e artista baiano, cuja trajetória se entrelaça com a história do Candomblé da Bahia. Filho de Ogum, orixá do ferro, sua obra escultórica reflete uma sensibilidade que une ancestralidade e técnica. Autodidata, Adário construiu uma linguagem visual marcada pela intensidade da experiência religiosa e pela inovação na experimentação das formas, tirando o ferro de sua imanência mineral e transformando-o em instrumentos transcendentais de mediação entre deuses e humanos. A seleção de peças aqui apresentada – *Ogum Xoroquê*, *Oxóssi Odé*, *Ferramenta de Oxóssi*, *Ferramenta de Exu* e *Exu Sete Catacumbas* – evidencia uma rica síntese de simbolismos próprios a cada um desses orixás e entidades, além de uma preocupação estética rigorosa que, para as religiões de matriz africana, é inseparável de sua alta complexidade litúrgica. (Reinan Ramos dos Santos)



**MAURÍCIO IGOR**

*Quando as encantarias abraçam Orum*, 2024  
Vídeo, 4'05"



**ALINE MOTA**

*(Outros) fundamentos*, 2017-2019  
Vídeo, 15'48"



**EDIVÂNIA CÂMARA**

*Ifé*, 2020  
Filmagem: Guy Veloso  
Edição e participação: Luana Andrade  
Vídeo, 7'15"



**GUY VELOSO**

*Dias de Exu*, 2015  
Edição: Luana Andrade  
Vídeo, 3'50"

**Rosana Paulino** desloca a herança africana para além da condição melancólica e do “terror cósmico” originado na “infantilidade africana” apontados por Graça Aranha em *A estética da vida* (1921). Há algo extenso e profundo que se recusa a ser esquecido. Paulino quer esses corpos escravizados em sua condição viva e vibrátil, um corpo concreto e sofrente, violentado na inaturalidade do passado vivido como o presente. Em seu *corpus*, o sentido de história resgata o presente de suas sentenças sociais. Suas alegorias dialogam com a série de desenhos de Luis Trimano (década de 2000) que, a partir da fotografia de escravos por Christiano Jr., articula a dominação escravista no período holandês, na Colônia, no Império e na República para lidar com o presente. Rosana Paulino politiza o sujeito da percepção para trazê-lo mais próximo da descolonização do olhar, uma tarefa inconclusa de uma modernidade mais que inconclusa, talvez simplesmente nunca iniciada. Para que o presente (a arte) ilumine o passado e a



consciência do presente, Paulino dedicou-se à catástrofe única da escravidão, e sua arte incansavelmente urde cadeias de acontecimentos e ativa cada ruína para acordar os vivos de sua letargia moral. (Paulo Herkenhoff)

**ROSANA PAULINO**

*Ainda a lamentar*, 2011  
Cerâmica fria, cordão, madeira, plástico e metal, 23 x 8 x 49,5 cm  
Coleção particular

Nas franjas maranhenses da Amazônia, **Thiago Martins de Melo** é ativista iracundo, ambientalista feroz, antropeômico da dominação colonial, vomitando até a última gota da bílis da raiva social, gritador contra grileiro, investidor no mercado de fracassos da ética do capitalismo, cirurgião das vísceras expostas do canibalismo social brasileiro, negro de alma negra e do inconsciente moldado na negritude, afrodescendente de sangue fluente desde o trato dos viventes

sequestrados, des-colonizador na marra, utopista sem romantismo, tocadador do tambor nagô de mina e de guitarra e baixo no *riddim* do reggae; sendo “aquele que vem do calcanhar”, mira certo no calcanhar de Aquiles do poder, cafuzo por dentro e por fora, desafiador do silêncio do indizível, estrategista da linguagem pictórica, agenciador de forças de levantes, esgrimista dos pincéis com cerdas de rastafári, fagocitador colérico da Ordem do Pai, vomitador de sapos

históricos, caçador do *Homo homini lupus*, compositor da Rapsódia Brasileira das Perversões e Perversidades da história, em movimento sufocantemente prestíssimo nos filmes animados por mais de cinco mil desenhos, animal *symbolicum* enfurecido, transformador crítico do modo de ver o mundo, devastador do signo material da arte através de sua regência pelo materialismo histórico, destoador do coro dos contentes da direita, dialético a torto e a direito, paradoxal porque não veio amansar as contradições do mundo, élan vital da luta pela sobrevivência dos danados da Terra, armador de armadilhas aporéticas para os donos da verdade, argueiro ardente no olhar das boas almas. (Paulo Herkenhoff)



**THIAGO MARTINS DE MELO**

*Colônia*, 2021  
Óleo, tinta cromada, tinta poliéster sobre resina e fibra de vidro  
Coleção do artista



Autoria desconhecida  
*Joia de crioula – pente, s.d.*  
Prata, 5,5 x 9,5 x 1,5 cm  
Coleção MAR – Museu de Arte do Rio / Secretaria Municipal de Cultura da Cidade do Rio de Janeiro Fundo Z



Autoria desconhecida  
*Figa, s.d.*  
Marfim e ouro, 6 x 3 x 2,5 cm  
*Figa, s.d.*  
Ouro, ônix, ágata, esmeralda, 5 x 1,5 x 1,5 cm  
Coleção MAR – Museu de Arte do Rio / Secretaria Municipal de Cultura da Cidade do Rio de Janeiro Fundo Z



**LYZ PARAYZO**  
*Bracelete espiral #1, 2022*  
Prata, 9,5 x 18 x 10 cm  
Cortesia Casa Triângulo



**MARCIO MANDARINI**  
*Brinco de bronze, 2025*  
9,5 x 3,5 x 2 cm  
Coleção do artista



Autoria desconhecida  
*Penca de balangandãs, 1888*  
Metal, 38 x 22 x 6 cm  
Coleção MAR – Museu de Arte do Rio / Secretaria Municipal de Cultura da Cidade do Rio de Janeiro / Fundo Fundação Roberto Marinho



Autoria desconhecida  
*Penca de baiana – Balangandãs, s.d.*  
Prata e marfim, 16,5 x 11 x 6 cm  
Coleção MAR – Museu de Arte do Rio / Secretaria Municipal de Cultura da Cidade do Rio de Janeiro / Fundo Orlando Nóbrega



Autoria desconhecida  
*Colar em pedra coral, séc. XX*  
Prata dourada, coral, 28,7 x 2,0 cm  
Coleção MAR – Museu de Arte do Rio / Secretaria Municipal de Cultura da Cidade do Rio de Janeiro / Fundo I



**MESTRE DIDI (1917-2013)**  
Sem título, déc. 1980  
Couro e búzios  
Coleção Rafael Moraes



**PIERRE VERGER** (1902-1996)  
*Egun (Bahia)*, s.d.  
Fotografia, 40 x 30 cm  
Fundação Pierre Verger



**ANDREA FIAMENGI**  
*Saída de Egun de Pierre Verger*  
(*Fatumbi, Fun Lade*), 2017  
Fotografia  
Coleção Família Fiamenghi

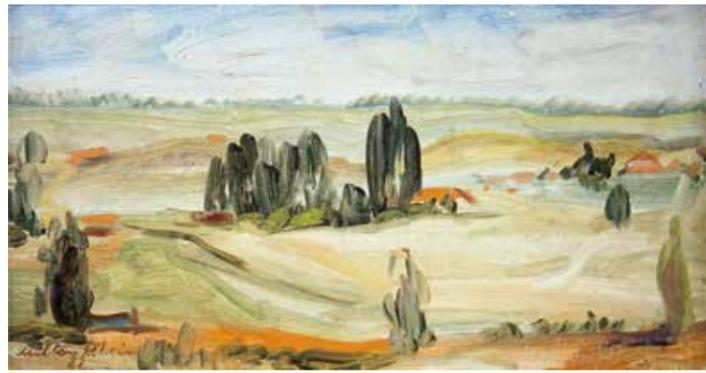


**ARMANDO SÁ**  
Sem título, s.d.  
Fotografia  
Coleção Bauer Sá

**BAUER SÁ**  
*Agora*, da série *Nós, por exemplo*, déc. 1990  
Fotografia  
Cortesia Galatea



**NICOLAS SOARES**  
*Tudo o que se pode oferecer*, 2021  
Fotografia  
Coleção do artista



**MILTON RIBEIRO** (1922-2013)  
*Varjão do Torto – Brasília*, 1982  
 Óleo sobre madeira, 27 x 15 cm  
 Coleção particular



*Agudás – os brasileiros do Benin*, documentário longa-metragem dirigido por **Aída Marques**, partiu da pesquisa de **Milton Guran** sobre os descendentes dos africanos escravizados no Brasil que retornaram ao Benin ao longo do século XIX e dos descendentes dos traficantes brasileiros e portugueses que se instalaram naquela região durante os séculos XVIII e XIX. Presentes no Benim e no Togo, assimilaram a cultura e os sobrenomes de seus senhores, incorporando muitos aspectos da cultura brasileira na arquitetura, na culinária e

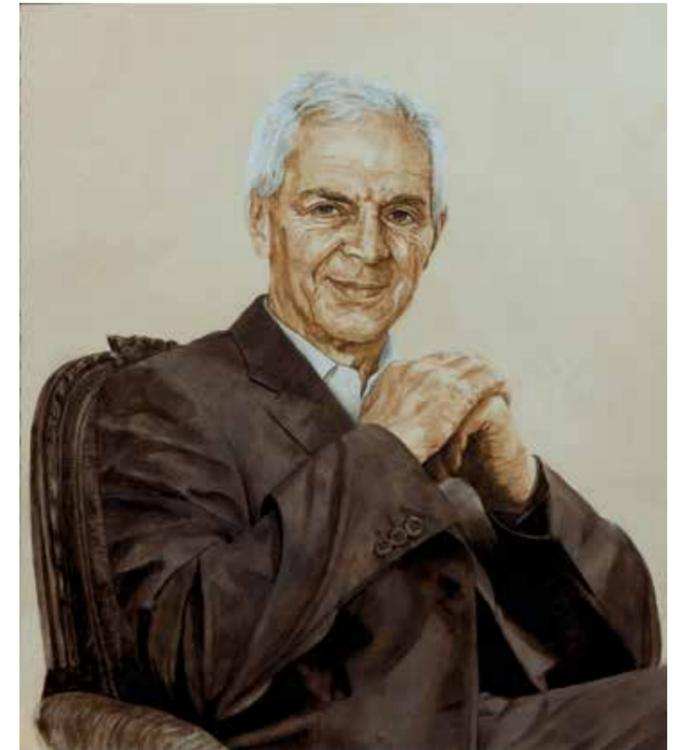
nas maneiras de ser e de se portar socialmente. Dois dos mais fortes indicadores de identidade “brasileira” são a festa do Nosso Senhor do Bonfim, que acontece em janeiro, como na Bahia, e o folguedo da Burrinha, forma antiga do bumba meu boi, em que cantam até hoje canções em português, atualmente bastante distorcido. No documentário e nas fotos de Guran vemos não só os agudás como um pouco desse país tão emblemático para nós, já que foi de lá que vieram aqueles e aquelas que nos transmitiram as matrizes Jêje e Nagô. (Paulo Herkenhoff)

**MILTON GURAN**  
 Série *Agudás, os brasileiros do Benin*, 2010  
 Fotografia  
 Coleção particular



**Alexandre Ignácio Alves** formou-se em Educação Artística pela Fundação Armando Álvares Penteado (Faap). Sua obra explora narrativas sobre o modernismo, abordando temas como ancestralidade, críticas sociais e novas perspectivas de igualdade na arte e na sociedade.

Com o título *Abaporus* (2022), Alves revisita o modernismo de uma maneira contemporânea, trazendo à tona a relação entre arte, mercado e sociedade. As duas pinturas enigmáticas retratam os colecionadores Raul Forbes, investidor e colecionador de arte brasileiro, e Eduardo Constantini, renomado empresário e colecionador argentino, fundador do Museu de Arte Latino-Americana de Buenos Aires (Malba), que adquiriram a obra *Abaporu* de Tarsila do Amaral por US\$ 250 mil (1984) e US\$ 1,35 milhão (1995), respectivamente. Nesta obra, o artista investiga o conceito



**ALEXANDRE IGNÁCIO ALVES**  
*Abaporus* (díptico), 2022  
 Acrílica sobre tela, 85 x 73 cm cada  
 Coleção do artista

de neoantropofagia liberal e, ao fazê-lo, questiona o impacto da valorização do mercado de arte sobre o legado modernista. *Retratos preto sobre preto* (Centro Cultural São Paulo, 2019); *Arte Pará* (Fundação Romulo Maiorana, Belém, 2022); *Refundação* (Museu da Inconfidência, Ouro Preto, 2024); *Ainda não é o fim do mundo* (Paço das Artes, São Paulo, 2025) são algumas das exposições de Alves, cujas obras também estão em diversas coleções públicas, como Museu Afro-Brasil Emanuel Araújo (São Paulo); Acervo Artístico do Palácio do Planalto (Brasília); Museu de Arte do Rio (MAR, Rio de Janeiro); Pinacoteca do Estado de São Paulo (São Paulo); Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (Porto Alegre) entre outras. (Paulo Herkenhoff. A presente versão do currículo de Alexandre Ignácio Alves corrige os erros da primeira edição do catálogo Afro-brasilidade.)

## AFRO-BRASILIDADE

### CURADORIA

**Paulo Herkenhoff**  
**João Victor Guimarães**

### CONCEPÇÃO E ORIENTAÇÃO

**Sidnei Gonzalez**  
**Silvia Finguerut**  
**Paulo Herkenhoff**

### COORDENAÇÃO FGV ARTE

**Blanche Marie Evin**  
**Maria Fernanda Baigur**

### COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

**Maria Clara Rodrigues** (*in memoriam*)  
**Mauro Saraiva**

### PROJETO EXPOGRÁFICO

**Leila Scaf Rodrigues**

### PRODUÇÃO LOCAL FGV ARTE

**Bruno Oliveira**

### PROJETO GRÁFICO

**Fernanda Simão**  
**Fernando Leite**  
**Marcela Lima**

### PROJETO EDUCACIONAL FGV ARTE

**Felipe Barros da Silva**  
**Angélica Yonghui Wenjun**  
**Carlos Eduardo de Azevedo Silva**  
**Georges Gonçalves**  
**Henrique Leandro Policarpo Francisco**

### PESQUISA E CURSOS FGV ARTE

**Reinan Ramos dos Santos**

### REVISÃO DE TEXTO

**Elisabeth Lissovsky**

### COMUNICAÇÃO E GESTÃO

#### DE MÍDIAS SOCIAIS

**Marcela Lima**  
**Amanda Montenegro do Vale**  
**Fernanda Simão**  
**Gabriela Mazza**  
**Isabella Xavier**  
**Larissa Ferreira Cuns**  
**Luana Bianchi**  
**Maria Eduarda Gimenes**

### GESTÃO ADMINISTRATIVA

**Elaine Pereira**  
**Nicolle Voss**  
**Luana Policarpo**  
**Nathalia Braga**

### ASSISTÊNCIA DE PRODUÇÃO

**Lidia Maria de Paiva Dias**  
**Pilar Rocha**  
**Benito Conrad**

### COORDENAÇÃO DE MONTAGEM

**André Fernandes**

### MONTAGEM DAS OBRAS

**Kbedim**

### PINTURA MURAL

**Tarso Tabu**

### PINTURA ARTÍSTICA

**Paulo Roberto Soares Santos**

### PAISAGISMO

**Luiz Cancio**

### PROJETO DE ACESSIBILIDADE

**Joana Peregrino**

### MUSEOLOGIA

**Alice Tischer, RJ**  
**Ana Caniatti, PR**  
**Ana Frade, DF**  
**Beth Kiefer, MG**  
**Bruna Lustosa, RJ**  
**Caroline Lodi, RJ**  
**Claudia Torres Costa, RJ**  
**Daniele Santos, RJ**  
**Heloisa Biancalana, SP**  
**Luciana Souza, RJ**  
**Mariane Vieira, RJ**  
**Mayara Monteiro, GO**  
**Paulo Otávio de Laia, BA**  
**Suzana Omena, PE**  
**Veronica Cavalcante, RJ**

### AMPLIAÇÕES FOTOGRÁFICAS

**Thiago Barros**  
**Estudio Lupa**

### MOLDURAS

**Metara**  
**Enquadre**  
**Moldurax**

### IMPRESSÕES DIGITAIS

**Fotosfera**

### SINALIZAÇÃO

**Comvix Comunicação Visual**

### CÚPULAS DE ACRÍLICO

**André Porto Molduras**

### VÍDEO DE ACESSIBILIDADE

**Diogo Cavour**

### CENOTÉCNICA

**Gabarito**

### ILUMINAÇÃO

**Julio Katona**

### AUDIOVISUAL

**Iramá Gomes**

### TRANSPORTE DAS OBRAS

**Fink**

### SEGURO DAS OBRAS

**Howden Corretora de Seguros**  
**EZZE Seguros**

### IMPRESSÃO DO FOLDER

**Leograf**

### FOTOGRAFIAS

**Ana Pigosso**  
**Bruno Leão**  
**Ding Musa**  
**Edouard Fraipoint**  
**Felipe Berndt**  
**Fernanda Simão**  
**Fernando Leite**  
**Rafael Salim**  
**Sergio Guerini**  
**Thales Leite**